Resenha

Nas trilhas da imanência *On the path of immanences*

Vitor B. Sartori¹

Martins, Maurício Vieira. *Marx, Espinosa e Darwin: pensadores da imanência*. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2017. 301 p.

O livro de Maurício Vieira Martins é o resultado da obra de um autor marxista versado no melhor da tradição filosófica ocidental. No entanto, certamente, não é somente um livro “de filosofia” ou de um “filósofo”. A questão é bastante meandrada e precisa ser explicada, mesmo que rapidamente: se o marxismo vulgar, com seu tom praticista, tendeu a considerar o pensamento marxiano como completamente avesso às temáticas “filosóficas”, certamente teve-se muita unilateralidade no “materialismo dialético”, que deu a tônica do debate soviético. No entanto, houve também uma reação que inverteu – sem superar – tal abordagem unilateral; não raros, por exemplo, foram os autores que propuseram que lêssemos Marx explicitamente a partir das categorias hegelianas e, neste ímpeto, a especificidade da abordagem marxiana – e das categorias usadas pelo autor – muitas vezes se perdeu. Ou seja, é necessário um cuidado bastante grande ao tratar de um autor como Karl Marx: se seu pensamento não é desinteressado e contemplativo, também são muitas as mediações que levam a teoria à práxis e vice-versa. Uma análise que subordine as categorias marxianas a uma abordagem tática do real leva a desconsiderar a trama complexa do pensamento marxiano; e, deve-se dizer: o mesmo se dá quando *O capital* ou os *Manuscritos econômicos-filosóficos* são subordinados às categorias de autores clássicos da filosofia como Hegel, Espinosa e, mesmo que em menor medida, Feuerbach. Dizemos tudo isso para sinalizar algo importante sobre a obra *Marx, Espinosa e Darwin: pensadores da imanência*: ao mesmo tempo em que o Maurício Vieira Martins trata dos meandros da tradição filosófica não marxista, ele, no melhor da tradição da crítica imanente, sabe destacar o caráter ativo dos embates colocados no plano teórico. Ou seja, a obra em referência trata da determinação social (e da função social) do pensamento de um autor e da estrutura interna de uma formação ideal, estrutura esta que envolve a cuidadosa apreensão da diferença específica das categorias do autor

¹Doutor, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e editor-associado da *Verinotio*. E-mail: vitorbsartori@gmail.com.

analisado diante de expoentes da tradição. Não se está diante de uma análise simplesmente filológica, pois. Também não se tem a determinação social do pensamento eclipsando as categorias marxianas, e a diferença específica destas diante de pensadores importantes como Espinosa e Darwin. E, infelizmente, isso é muito raro.

Alongamo-nos sobre esta temática porque, para aqueles versados na filosofia, certamente é muito importante demonstrar que o pensamento marxiano (e marxista) é capaz de vencer a batalha das ideias também no campo do pensamento filosófico. György Lukács, por exemplo, foi um autor que combateu com muito vigor a filosofia burguesa, sendo o decisivo ponto de partida para teóricos de alto gabarito, como Nicolas Tertulian, que debate vigorosamente a filosofia heideggeriana, talvez uma das mais influentes na atualidade. Esta batalha, no entanto, na obra do próprio Lukács, chegou a ser levada a cabo de modo, até certo ponto, apressado: diante do contexto conturbado do século XX (nazifascismo, guerra fria etc.), a obra *Destruição da razão* é, certamente, seminal. No entanto, não deixa de incomodar aquele que estudou, por exemplo, o pensamento heideggeriano. Por vezes, a ausência de mediações teóricas na exposição (e não necessariamente na pesquisa) do marxista húngaro é patente. E, neste sentido, o rigor que caracteriza sua obra (visível, por exemplo, em *Para uma ontologia do ser social*) acaba sendo eclipsado, mesmo que, no geral, as colocações do autor sejam muito acertadas. Assim, vale destacar que Maurício Vieira Martins não trata de Darwin e de Espinosa para mostrar como são autores pequenos perto de Marx, nem insinua que o autor de *O capital* só pode ser lido mediante estes pensadores. O cuidado da obra *Marx, Espinosa e Darwin: pensadores da imanência* precisa ser destacado porque, ao mesmo tempo em que seu autor é um conhecedor da obra espinosiana e darwiniana – mostrando que há posições não marxistas ligadas à valorização da imanência e do ser-propriadamente-assim da realidade efetiva –, ele não hipertrofia o embate ou o diálogo de Marx com tais autores. Antes, mostra que certos temas importantes da obra marxiana, como aquele do estatuto histórico da própria natureza, ou da não linearidade da concepção de causalidade, podem ser vistos, em sua diferença específica, ao termos em conta importantes expoentes da tradição do pensamento ocidental (e não só filósofos, já que Darwin não pode ser enquadrado nesta alcunha). Neste sentido, um elemento essencial do tratamento dispensado por Martins em sua obra é o cuidado e o rigor metodológicos.

Mostra o autor brasileiro que é possível ler Marx tendo em conta o legado categorial de importantes autores anteriores, ao mesmo tempo em que não é – para que se utilize a expressão de Martins sobre a nova edição das obras de Marx e Engels – a filologia que irá nos salvar.

A transformação operada pelo autor dos *Manuscritos econômico-filosóficos* em tais categorias não é só teórica (nem somente política). Destaca-se também um movimento de crítica ao pensamento teológico (calcado em certa concepção transcendente e não raro baseado na antropomorfização do devir da realidade natural e social); com isso, tem-se que tanto Marx, como Espinosa e Darwin tratam da imanência do real com referência a potências igualmente imanentes. A realidade efetiva, a ser apreendida nas categorias – formas de ser, determinações de existência –, tem uma estruturação objetiva e autárquica, de tal modo que o ser social e natural não é ausente de determinações; é histórico e objetivo. Destaca nosso autor, com referência rigorosa ao texto de Marx, que isto não significa que a ontologia marxiana seja uma espécie de empirismo; antes, ao contrário do que se dá em Feuerbach, a objetividade é apreendida em sua dimensão ativa e subjetiva, componente do próprio objeto (*Gegenstand*). Tratar da imanência, assim, não significa deixar de lado a diferença entre a objetividade e a subjetividade. Na verdade, traz diante de nós o modo pelo qual a atividade humana, compreendida em suas determinações concretas, remete, ao mesmo tempo, à mediação entre subjetividade e objetividade e ao modo pelo qual a objetividade mesma, mediante a atividade (que, mostra Martins, já em 1844, nos *Manuscritos*, não se confunde necessariamente com o trabalho) tem uma existência até certo ponto autárquica.

A historicidade presente na própria natureza, que é destacada por Darwin em oposição ao pensamento teológico, também está presente no pensamento marxiano. Já o modo pelo qual Marx critica uma visão teológica, tanto no que toca a história, quanto no que diz respeito à natureza, teria como precedente o pensamento espinosiano. No que chegamos a um ponto importante. Se é verdade que a diferença específica do pensamento marxiano diante de outros pensadores da imanência (formulação bastante feliz de Martins, em nossa opinião), é interessante analisar como que certas questões – em respeito à terminologia althusseriana, talvez não devêssemos colocar aqui a noção de “problemática” - presentes na crítica darwiniana e espinosiana ao pensar teológico e transcendente, em verdade, remetem a algo distinto do que os autores trataram. Assim, certamente é possível pesarmos a partir de clássicos do pensamento ocidental, como Darwin por exemplo, a questão da reemergência do criacionismo (algo que parecia estar completamente fora de cogitação há algum tempo). Muitos dos debates contra a teoria darwinista e darwiniana podem iluminar a análise do apelo religioso que volta a ter bastantes efeitos no presente. Maurício Vieira Martins sempre valoriza em seu livro debates que não necessariamente se colocam – em sua conformação clássica – no terreno do marxismo. Ele evita, porém, dois

equivocos igualmente unilaterais na lida com tais questões: de um lado, não toma de modo ingênuo a formulação do problema. Isto redundaria em uma simples transposição de uma formulação não marxista ao terreno do marxismo, o que poderia levar, e não raro leva, ao ecletismo teórico ou a um tratamento raso. No primeiro caso, as determinações do método que pretende demonstrar e explicitar a gênese histórico-social da objetividade da realidade efetiva são despedaçadas; no segundo, usualmente, traz-se à tona uma abordagem incompatível com a apreensão da historicidade e da objetividade do real e “acrescenta-se” o marxismo, por exemplo, com a luta de classes a fim de trazer à tona um elemento histórico e objetivo...Martins escapa desta armadilha. Doutro lado, o nosso autor em nenhum momento diz que a formulação da questão, por ter sido trazida à tona por autores não marxistas, deve ser ignorada. A obra de Maurício Vieira Martins trata de algo, até certo ponto, “especializado”: o modo pelo qual Marx, Espinosa e Darwin são pensadores da imanência (com tudo que isto implica); porém, remete para muito além de um debate acadêmico e “filosófico” (pensado como algo de uma disciplina especializada e marcada por uma análise filológica pretensamente desinteressada).

Uma grande contribuição do livro está em um aspecto, por assim dizer, metodológico. Como destacamos acima, o rigor do autor destaca-se na medida em que se trata um marxista que apreende as determinações do pensamento de autores não marxistas, realizando uma análise imanente das formações ideais. O cuidado com o qual isto é realizado é, acreditamos, exemplar. Para que sejamos claros: bater em espantalhos não pode servir de nada a uma posição efetivamente crítica. E os embates nos quais Martins se coloca (seja com autores criacionistas, seja com marxistas como Althusser, ou pós-marxistas como Negri – este último, com Hardt, muito influenciado pelo pensamento de Espinosa) são sempre muito cuidadosamente organizados e nunca desconsideram a complexidade do pensamento dos antagonistas. Não se trata só de uma questão de honestidade intelectual, porém; antes, uma posição efetivamente crítica demanda uma análise imanente das formações ideais e das funções concretas que elas têm na realidade efetiva. O livro ainda merece ser lido pelas incursões de Vieira em debates complexos e atuais os quais não poderemos abordar aqui, mas que trazem a marca de um marxista rigoroso e comprometido com a crítica ao presente.

Como citar:

SARTORI, Vitor B. Nas trilhas da imanência (resenha). *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 25, n. 2, pp. 482-485, nov. 2019.

Data do envio: 25 mar. 2019

Data do aceite: 9 jul. 2019